

PRÁTICAS INCLUSIVAS NA ALFABETIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE ATIVIDADES PERMANENTES NA APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA

Tabita Vanusa Ruppe¹

Vera Lucia Martiniak²

INTRODUÇÃO

Esse texto apresenta uma pesquisa do tipo estudo de caso, que analisou as principais dificuldades na apropriação da linguagem escrita, apresentadas por alunos do segundo ano do Ensino Fundamental. A pesquisa aconteceu em colaboração com o Grupo de Pesquisa³: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Políticas, envelhecimentos, direitos humanos e inclusão (NEPEDHI), o qual forneceu suporte técnico e orientação durante todo o processo de pesquisa.

O estudo teve como ponto de partida os resultados das avaliações diagnósticas municipais realizadas com os alunos e também, por meio, dos resultados das avaliações externas, os quais apresentaram baixos índices de aprendizagem na linguagem escrita. As dificuldades dos alunos, na apropriação da linguagem escrita, provocam situações de exclusão no processo de alfabetização e conseqüentemente, influenciam na sua capacidade de se desenvolver plenamente como indivíduos. Tais dificuldades podem gerar efeitos negativos em diversos aspectos da vida dos estudantes, resultando em situações desafiadoras que afetam não apenas seu desempenho educacional, mas também seu bem-estar emocional e social.

Neste estudo entende-se que a linguagem escrita desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cultural da criança, vai muito além de desenhar letras e construir palavras de forma mecânica (VYGOSTKY, 1984). Para Vygostsky (1984, p. 72) “[...] a linguagem escrita é constituída por um sistema de signos que designam os sons e as palavras da linguagem falada,

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva. Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: tabitarupel@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7251396823250441>

²Doutora em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva. Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: vlmartiniak@uepg.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2586663143728140>

³Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Políticas, envelhecimentos, direitos humanos e inclusão (NEPEDHI). <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4009198972027268>

os quais, por sua vez, são signos das relações e entidades reais”.

Assim a pesquisa teve como questão norteadora: quais as contribuições das atividades permanentes, relacionados a apropriação da linguagem escrita? O estudo caracterizou-se como uma pesquisa de cunho qualitativa do tipo estudo de caso norteadora por pressupostos da teoria sociointeracionista a qual valoriza a interação entre o indivíduo e o ambiente para o desenvolvimento humano.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao tratarmos do processo da escrita, entendemos que ele é permeado por sua natureza complexa, pelos fatores políticos, sociais, econômicos e culturais. Entretanto é um processo pedagógico que não deve ser tratado com neutralidade, a escrita não é apenas um instrumento de obtenção de conhecimento, porém podemos pensar que a escrita também é um instrumento de poder para as futuras gerações(BRASIL, 2012).

O currículo do ciclo de alfabetização é um produto histórico e cultural que desempenha um papel fundamental na orientação das práticas de ensino da leitura e da escrita. Ele reflete as relações pedagógicas que moldam a organização escolar. Não se limitando a ser um elemento neutro, o currículo é, na verdade, um conjunto de experiências, conteúdos disciplinares, vivências e atividades na escola que visam à construção de identidades e subjetividades dos alunos (BRASIL, 2012).

Na concepção de Soares (2003) ao analisar esse fenômeno das dificuldades de aprendizagem das crianças no período de alfabetização, aponta que, nos últimos anos, a alfabetização passou a ser obscurecida pelo letramento, perdendo sua especificidade no contexto brasileiro. Ela enfatiza a necessidade de se assumir a especificidade de ambos os processos, sabendo que eles são indissociáveis e interdependentes, e destaca a urgência de se “reinventar”, de modo que os alunos possam no final do ciclo de alfabetização, ler e produzir textos em diferentes situações (BRASIL,2012).

Considerando o que consta nos documentos da Declaração de Salamanca (1994), a escola deve proporcionar mesma educação para todos, atendendo as demandas delas. Nesse sentido a inclusão traz seu eixo norteador a legitimação da diferença. É nesse ponto que ressalta-se a importância do professor em permitir as crianças o acesso ao conhecimento por meio de outras vias, eliminando quaisquer barreiras que venham a surgir.

Diante tal preocupação, com a diversidade nos níveis de aprendizagem da turma, a

primeira intervenção realizou-se com a implantação de atividades permanentes voltadas a alfabetização e ao letramento, numa proposta metodológica do sociointeracionismo que reconhece a natureza social intrínseca da linguagem e do conhecimento, sublinhando a importância das interações sociais, do contexto social e da mediação cultural na construção da linguagem e na produção de conhecimento.

As atividades permanentes na escola podem ser benéficas ao estabelecer rotinas que, embora envolvam a repetição de procedimentos didáticos, não se tornam entediantes nem cansativas. Isso ocorre porque, mesmo que haja repetição, há mudanças na permanência, ou seja, as atividades variam. Os textos utilizados são diferentes, os diálogos são diversos e as formas de mediação adotadas pelos professores também variam. Isso mantém o interesse e o engajamento dos alunos, tornando as atividades permanentes mais eficazes e agradáveis (BRASIL, 2012).

As atividades permanentes são aquelas que se repetem em intervalos regulares, como semanalmente, mensalmente ou anualmente. A introdução de elementos novos é comum em muitas rotinas escolares, como a "Hora da Leitura", durante a qual o professor compartilha histórias literárias com as crianças, ou a "Hora da Diversão". É possível optar por incorporar a "Hora da Biblioteca" como parte permanente da programação, oferecendo às crianças acesso regular à biblioteca e à leitura de livros (BRASIL, 2012).

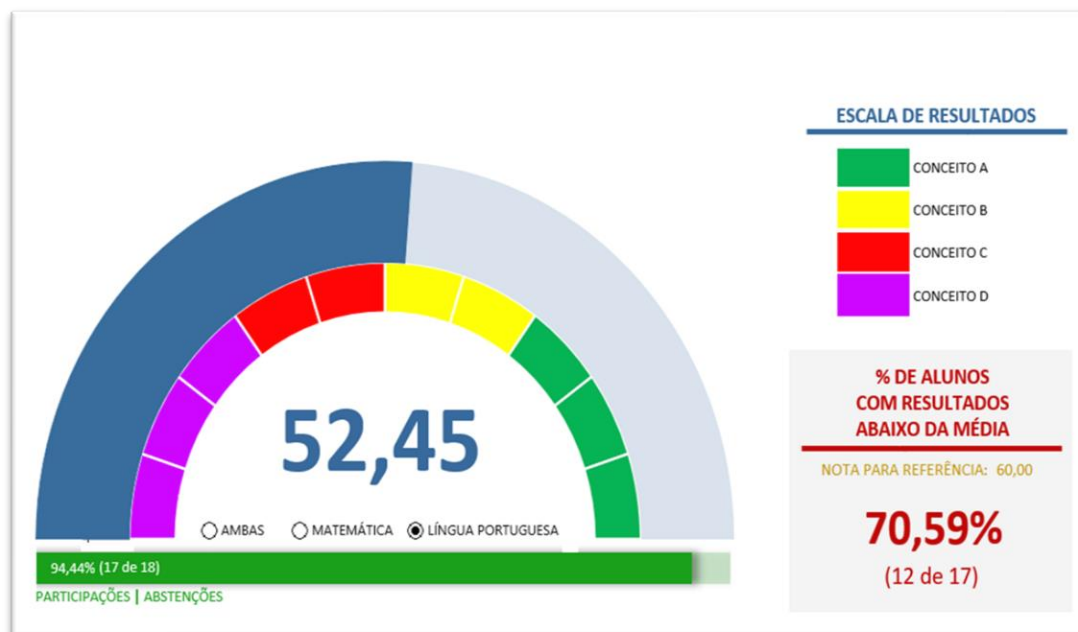
Essas atividades ajudam as crianças a compreender como o sistema de escrita funciona, passando por várias etapas até desvendar seus segredos e desenvolver outras habilidades.

METODOLOGIA

A partir da análise dos dados apresentados nas avaliações diagnósticas foram planejadas e realizadas estratégias pedagógicas inclusivas, para que o aluno se aproprie da escrita, de modo intencional e consciente da função mediadora da linguagem.

Com as baixas pontuações de habilidades de leitura e escrita observadas nas avaliações diagnósticas, pode-se deduzir que esses resultados são influenciados pelo distanciamento social causado pela pandemia da Covid-19, juntamente com outros fatores complexos específicos do grupo de alunos analisado, como as disparidades sociais, culturais, tecnológicas e econômicas, que ampliaram os efeitos negativos na educação dos estudantes.

Figura 1. Gráfico do resultado da Avaliação Diagnóstica Municipal.



Fonte: Resultados da Avaliação Diagnóstica de português/2º ano (Secretária Municipal de Educação, Esporte e Lazer (Abril-2023)).

A pesquisa é qualitativa do tipo estudo de caso “o objeto estudado é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 21). Visto que se trata de pessoas específicas, em um lugar e um tempo singulares. Tal experiência pode ser aplicado não apenas na escola investigada, mas também em outras instituições de ensino.

As atividades permanentes planejadas semanalmente tais como: Hora do conto, leitura em voz alta pela professora, leitura em voz alta pelos alunos, momento da novidade, hora da leitura com livros literários em sala de aula, uma vez por semana troca de livro na biblioteca com a maleta viajante para realizar a leitura com a família, realizar a escrita criativa todos os dias orientados pela professora como o que mais gostou da contação de história, construção de listas entre outros gêneros trabalhados em sala de aula, escrita do professor, escrita do aluno, escrita coletiva, potinho dos recados, a rotina diária, sempre enfatizando a escrita na mediação desses momentos, trabalhos escritos em grupos e o momento lúdico com brincadeiras e jogos voltados para leitura e escrita.

Essas são as atividades permanentes trabalhadas com a turma numa perspectiva de prática pedagógica inclusiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades permanentes desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento consistente das habilidades de leitura e escrita das crianças, especialmente no início do segundo ano de escola, quando suas habilidades de alfabetização não estavam consolidadas. Essas atividades, apoiadas pela abordagem sociointeracionista, promoveram a autoconfiança das crianças, permitindo que elas avançassem em tarefas mais complexas, com interações em grupos e duplas que as deixaram mais seguras.

Figura 2. Dificuldades de escrita com o alfabeto móvel.



Fonte: Autora, (julho-2023).

A organização das atividades criou um ambiente de aprendizagem saudável, melhorando a disciplina e incentivando a responsabilidade e dedicação dos alunos. Além disso, houve um notável desenvolvimento da linguagem, superando a timidez e promovendo a comunicação oral.

Figura 3. Oficina de Contação de história.



Fonte: Autora, (agosto de 2023).

A variedade de gêneros textuais e a inclusão de métodos diversos, como jogos, música, tecnologia e prática, mantiveram os alunos engajados e motivados, tornando as atividades permanentes atrativas e eficazes, resultando em uma aprendizagem envolvente e significativa.

Figura 4. Construção em grupo de uma carta.

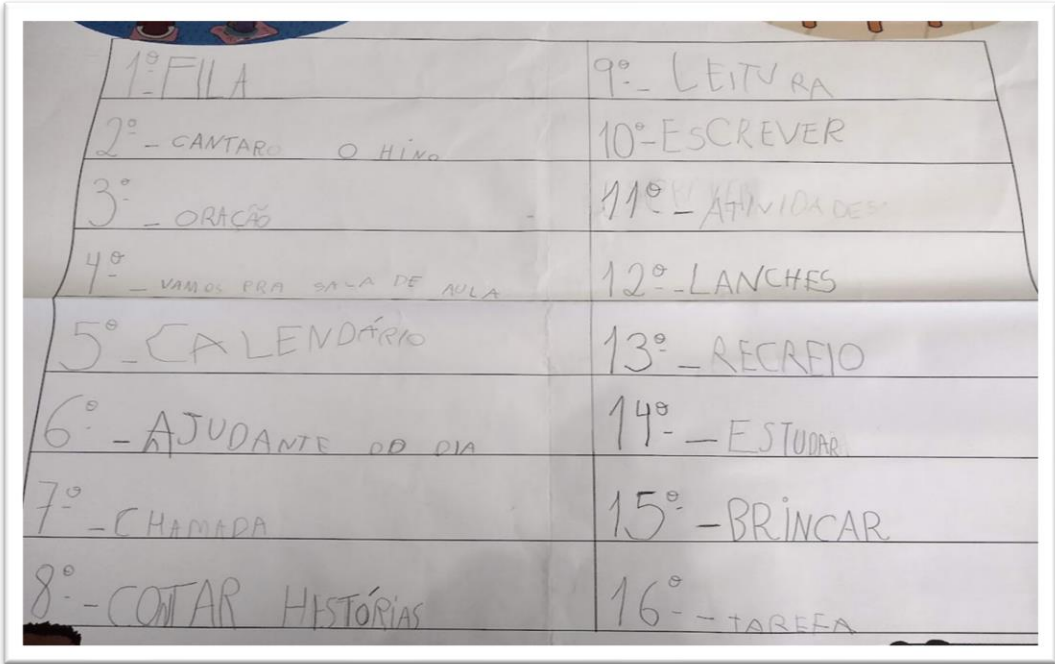


Fonte:Autora,

(agosto de 2023)

Com o uso de atividades permanentes foi possível organizar a rotina da leitura e a apropriação do sistema de escrita das crianças respeitando o ritmo de aprendizagem de cada sujeito, podendo acompanhar o avanço na aprendizagem dos alunos e fazendo a intervenção com mais proximidade das crianças com mais dificuldades.

Figura 5. Escrita da Rotina da sala de aula.



1º - FALA	9º - LEITURA
2º - CANTAR O HINO	10º - ESCREVER
3º - ORAÇÃO	11º - ATIVIDADES
4º - VAMOS PRA SALA DE AULA	12º - LANCHES
5º - CALENDÁRIO	13º - RECREIO
6º - AJUDANTE DO DIA	14º - ESTUDAR
7º - CHAMADA	15º - BRINCAR
8º - CONTAR HISTÓRIAS	16º - TAREFA

Fonte: Autora, (setembro-2023)

Assim foi uma experiência pedagógica inclusiva em que atendeu a toda a turma respeitando a especificidade de aprendizagem de cada sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUZA, C. R; LACERDA, C.B.F. **O desenvolvimento da linguagem escrita na perspectiva histórico-cultural e discursiva** : aprofundamentos conceituais e reflexões sobre práticas -- Documento eletrônico -- São Carlos : EDESP-UFSCar, 2022. Disponível em: <https://www.edesp.ufscar.br/arquivos/colecoes/segunda-licenciatura-em-educacao-especial/leitura-e-escrita.pdf>. Acesso: 23 de Out.2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa** - Currículo no ciclo de alfabetização: Consolidação e monitoramento do processo de



ensino
unidade 1—Brasília,SEB, 2012.

aprendizagem.:Ano 2:

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa** -Planejamento e organização da rotina na alfabetização:Ano 3: unidade 2— Brasília,SEB, 2012.

LUDKE, M. ANDRÉ, M.E.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORAIS. A. G. **Sistema de escrita alfabética.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SOARES, M. **Alfabetização:** a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2017.

VYGOTSKY, L.. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.